

## UMA PONTE ENTRE PETISTAS E BOLSONARISTAS

Fábio Portugal Sorrentino

*Estudante de doutorado do Programa de Doutorado em  
Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos  
Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de  
Coimbra<sup>1</sup>*

fabiosorrentino@ces.uc.pt

### Resumo

O bolsonarismo, como movimento de extrema-direita, é uma ameaça à democracia, à justiça social e às diversidades de vida e modos de viver. Com sua ascensão nos últimos anos, a mídia hegemônica brasileira naturalizou a interpretação de que o país está politicamente polarizado entre bolsonarismo e petismo. Este é um artigo teórico-etnográfico, onde investigo na bibliografia científica e em dados de pesquisas amostrais se existe polarização no Brasil, reflito sobre quais seriam os lados nesta polarização e analiso como a interpretação alternativa de que uma fronteira foi feita entre petistas e bolsonaristas pode contribuir para a compreensão da política brasileira e a busca de soluções para seu atual panorama disruptivo, soluções que aumentem a intensidade de nossa democracia.

Palavras-chave: extrema direita; tradução; polarização.

### Abstract

Bolsonarismo, as a far-right movement, is a threat to democracy, social justice, and the diversity of life and ways of living. With its rise in recent years, the Brazilian hegemonic media has naturalized the interpretation that the country is politically polarized between bolsonarismo and petismo. This is a theoretical-ethnographic article, where I investigate in the scientific bibliography and in sample survey data whether there is polarization in Brazil, reflect on which sides would be in this polarization, and analyze how the alternative interpretation that a border has been established between petistas and bolsonaristas can contribute to the understanding of Brazilian politics and the search for solutions to its current disruptive panorama, solutions that increase the intensity of our democracy.

Key-words: far-right; translation; polarization.

### Introdução

Por outro lado, não será demasiado repetirmos, a conscientização, que não pode dar-se a não ser na práxis concreta, nunca numa práxis que se reduzisse à mera atividade da consciência, jamais é neutra. Como neutra, igualmente, jamais pode ser a educação.

Quem fala de neutralidade são precisamente os que temem perder o direito de usar de sua ineutralidade em seu favor (Freire, 1983, p. 77).

O bolsonarismo é um movimento da extrema-direita liderado por Jair Bolsonaro. Ele conseguiu organizar em torno de sua figura indivíduos, movimentos e ideologias diversas da direita, extrema-direita e do conservadorismo, alavancando sua eleição em 2018 para presidente da República do Brasil. A eleição foi turbulenta e violenta, marcada pela prisão, meses antes, do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que liderava com folga as pesquisas de intenção de voto para as eleições daquele ano.

O petismo é uma identificação que se refere ao Partido dos Trabalhadores, PT, maior partido de esquerda do Brasil e da América Latina. Lula é seu principal líder e um de seus

<sup>1</sup> Este trabalho teve apoio do Fundo de Apoio a Estudantes de Doutorado da Escola de Estudos Avançados da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

fundadores. Em 2019, após 580 dias na prisão, Lula foi libertado<sup>2</sup>. Em 2022, ele concorreu contra Bolsonaro nas eleições presidenciais e venceu, tomando posse para seu terceiro mandato como presidente da República em 1º de janeiro de 2023. Pesquisas quantitativas de opinião feitas nestes anos mostram que quantidades estáveis de pessoas se identificam como bolsonaristas ou petistas. Entre os eleitores de Bolsonaro, a rejeição a Lula é alta. Entre os eleitores de Lula, a rejeição a Bolsonaro é alta. Estas pesquisas e a realidade, de brigas e divisões que se intensificaram com a consolidação do bolsonarismo, convencionaram o uso da polarização como explicação para a política brasileira. O termo tem sido ostensivamente utilizado pela mídia e pela academia.

O bolsonarismo, como movimento da extrema-direita, é uma ameaça à democracia, à justiça social e às diversidades de vida e modos de viver, como os quatro anos de governo de Bolsonaro demonstraram — aumento no desmatamento ilegal em todos os biomas, nas queimadas, tentativas de flexibilizar a legislação ambiental, aumento da desigualdade social, da quantidade de pessoas em situação de miséria e fome, diversas tentativas de golpe de Estado. A disputa política para enfraquecer o bolsonarismo pelo esvaziamento de seu apoio não avançou nos últimos anos, como mostram diversas pesquisas, mostrando a necessidade urgente de novas soluções políticas que contornem ou enfrentem a “polarização”.

Este artigo é uma formulação teórico-etnográfica (Peirano, 2014) interdisciplinar. A partir de minhas experiências como sujeito politicamente ativo no Brasil e identificado com o petismo, diálogo com teorias e autores de diferentes campos do conhecimento (ciências políticas, sociologia, educação, estudos da tradução, pós-colonialismos e outros) para compreender melhor estas experiências, confrontá-las com as teorias e construir teorias sobre elas.

Para isso, investigo na literatura científica se realmente existe polarização política no Brasil, reflito sobre quais seriam os lados desta polarização e analiso como a interpretação alternativa de que uma fronteira foi feita entre petistas e bolsonaristas pode contribuir para a compreensão da política brasileira e a busca de soluções para seu atual panorama disruptivo, soluções que aumentem a intensidade de nossa democracia.

### **Fundamentação teórica**

Considero que os principais veículos de comunicação do Brasil, mais da metade conglomerados de propriedade de apenas oito famílias (Carta Capital, 2017), fazem parte do que Gramsci chamou de “estrutura ideológica de uma classe dominante” (2001, p. 78)<sup>3</sup>: a grande mídia brasileira constrói consensos na opinião pública em torno dos interesses e da ideologia da classe dominante.

Portanto, quando esses conglomerados de mídia insistem em um mesmo conceito para interpretar um fenômeno, é provável que o conceito, ou o uso que lhe estão a dar, seja do interesse da classe dominante.

Após as eleições presidenciais de 2014 e, em especial nos últimos seis anos (de 2018 a 2023), os principais veículos de comunicação do Brasil têm insistido na interpretação de que a sociedade brasileira está politicamente polarizada.

Essa interpretação hegemônica da política serve aos interesses hegemônicos ao colocar os dois principais movimentos políticos atualmente no Brasil, o petismo e o bolsonarismo, em polos opostos. Sutilmente, ela coloca os polos em equivalência e tenta fazer esquecer a participação que estes veículos tiveram na construção e consolidação do bolsonarismo, após anos de fomento ao anti-petismo. Segundo esta interpretação, ambos os movimentos estão dividindo o país. Ambos são radicais e precisamos de uma terceira via

<sup>2</sup> A prisão de Lula foi criticada e denunciada por militantes, organizações e juristas, no Brasil e no mundo, como uma prisão política. Entre diversas análises, notícias, abaixo-assinados, manifestos, cartas e documentos jurídicos sobre o caso, destaco a de Sorrentino (2022).

<sup>3</sup> Publicado no Brasil pela primeira vez em 1999, Gramsci escreveu os Cadernos do Cárcere enquanto estava preso pelos fascistas italianos, entre 1929 e 1935.



para sair deste radicalismo, um “centro democrático” (uma direita que se importaria mais com questões econômicas do que morais). Azevedo (2022) faz uma crítica semelhante. Mas, como brasileiro politicamente ativo, vejo o Brasil, se não dividido, com divisões. Vi e vivi a violência política dos últimos anos. Só nas eleições de 2022<sup>4</sup>, pelo menos quinze pessoas foram assassinadas e 23 sofreram tentativas de assassinato por motivos

políticos. A violência política nas eleições de 2022 foi mais de cinco vezes maior do que nas eleições de 2018, ano já marcado pela violência bolsonarista (Pública, 2022). Motivados pela suposta falta de comprovação científica para a interpretação hegemonizada que foi tornada a polarização, alguns pesquisadores analisaram pesquisas quantitativas feitas ao longo das últimas décadas sobre opiniões políticas, identificações ideológicas e votos em eleições, para tentar entender se realmente existe polarização política no Brasil.

Apesar de criticarem o uso vulgar da polarização política pelos veículos de comunicação e pela população, nenhum dos estudos analisados define o que é polarização política (Casalecchi, Vieira, Pereira, 2019; Alkmin, Terron, 2022; Fuks, Marques, 2022; Ortellado, Ribeiro, Zeine, 2022; Bello, 2023a; Bello, 2023b).

Utilizo aqui, embasado nos usos dados ao termo pelos autores, a definição de que polarização política seria a conjugação de movimentos em direções opostas politicamente. Esse movimento pode ser de partidos, de pessoas e/ou de grupos sociais. As pessoas e grupos sociais podem se movimentar alinhadas aos partidos, às ideologias, às opiniões políticas morais e econômicas, às lideranças políticas e/ou às identificações com grupos. No Brasil, pelo Partido dos Trabalhadores ser o único partido com base social forte e consolidada<sup>5</sup>, a polarização seria entre petismo e antipetismo (Fuks, Marques, 2022; Ortellado, Ribeiro, Zeine, 2022; Alkmin, Terron, 2022).

Os estudos analisados não são consensuais sobre a existência e o tipo de polarização no Brasil.

Para Bello (2023b) existe uma polarização política dinâmica entre petismo e antipetismo, que varia ao longo do tempo, ficando mais ou menos acentuada. Em outro artigo, Bello (2023a) diz que não existe polarização política demográfica no Brasil (quando as preferências políticas dos grupos sociais são diferentes e os levam às extremidades políticas, evacuando o centro), mas uma polarização moderada entre alguns grupos sociais (de renda, idade e região) em relação a temas econômicos e morais. Ambas as pesquisas de Bello analisaram apenas o voto no PT e a identificação positiva ou negativa em relação ao PT.

Para Ortellado, Ribeiro e Zeine (2022), existe polarização das opiniões políticas de massa, ideológica e afetiva. Também existe uma polarização mais acentuada entre grupos sociais de renda e idade. Entretanto, no geral a polarização no Brasil seria moderada, contrastando com a percepção pública da polarização acentuada e generalizada, o que poderia ser explicado por uma minoria barulhenta polarizada que se destaca na esfera pública, enquanto a maioria não-polarizada fica em silêncio.

Para Fuks e Marques (2022), a polarização política no Brasil é assimétrica, com radicalização da direita mas não da esquerda; é principalmente afetiva; e a polarização afetiva e ideológica é mais acentuada entre as pessoas que se identificam afetivamente com partidos e participam ativamente da política.

<sup>4</sup> No Brasil, a cada quatro anos são feitas eleições para os cargos do executivo e do legislativo no nível nacional (presidente, deputados federais e senadores), e do executivo e legislativo no nível estadual (governador e deputados estaduais). Essas eleições são intercaladas com as eleições do executivo e legislativo no nível municipal (prefeito e vereadores). Em 2020, as eleições foram municipais. Em 2022, foram estaduais e nacionais.

<sup>5</sup> Pesquisas nos últimos anos apontam o PT como a preferência de 20% a 30% dos eleitores do Brasil, chegando a 35% durante as eleições de 2022 (Bächtold, 2022), e 25% um ano depois, enquanto o segundo colocado tem em média 2% a 4%. Com a ida de Bolsonaro ao Partido Liberal (PL), o partido, que pontuava 0% até fim de 2021 (Carta Capital, 2021), chegou a 20% durante as eleições de 2022. Um ano após as eleições, caiu para 7% (Datafolha, 2023a).



Para Gloria Filho (2022) a polarização afetiva não é apenas sobre como as pessoas de um grupo se veem, mas essencialmente sobre como elas veem os outros. Elas identificam as pessoas do grupo oposto com estigmas, como rivais, e querem distanciamento social delas. Segundo seu estudo, tanto as pessoas de direita quanto de esquerda desumanizam as pessoas da ideologia oposta, mas as de esquerda praticam isso com mais consistência.

Pesquisas de amostragem feitas pelo instituto de pesquisas Datafolha, em junho de 2025, mostravam 35% dos brasileiros se identificando como petistas e 35% como bolsonaristas (Barbon, 2025). No final de 2023, eram 40% petistas e 32% bolsonaristas (Datafolha, 2023b), números similares aos da pesquisa feita um ano antes (Igor Gielow, 2022). A pergunta feita pela pesquisa Datafolha, entretanto, é enviesada, feita já dentro da premissa

da polarização, pois as pessoas só poderiam se identificar como petistas, bolsonaristas ou centro. Em 2023, uma pesquisa de amostragem feita pelo instituto Quaest mostrou que 32% dos brasileiros reprovariam que o filho casasse com alguém do grupo oposto, 23% deixaria de ouvir músicas de um artista do grupo oposto, 19% deixaria de comprar produtos de uma marca que apoiou o grupo oposto (CNN, 2023).

As pesquisas, ao utilizarem perguntas fechadas e metodologias quantitativas, simplificam a complexidade política brasileira — ideologias como a anarquista, por exemplo, se colocam fora da divisão entre esquerda e direita — mas o resultado comum a elas, de que a polarização no Brasil não é generalizada, me parece correto. Não é o país que está dividido, mas parte dele e principalmente as pessoas que estão engajadas politicamente.

A polarização política no Brasil são dois grupos que não se conversam e que se identificam como inimigos. Ao contrário da interpretação reproduzida pelos conglomerados de mídia, entretanto, estes grupos não são equiparáveis. A violência política que eles colocam como fruto da polarização não é praticada igualmente pelos dois grupos. Como sabemos pela experiência e como mostram estudos e reportagens (Assunção, 2022; Carricone, 2022; Redação RBA, 2022), ela é característica do grupo dos bolsonaristas. Há décadas Bolsonaro faz apologia à violência armada e incentiva seu grupo a atacar o grupo oposto, coisas que Lula e o PT não fazem. Exemplifico isso com apenas seis momentos recentes em que Bolsonaro incitou seus apoiadores à violência contra Lula, o PT e a esquerda.

Em 03 de setembro de 2018, no município de Rio Branco, capital do Estado do Acre, em um evento de sua campanha para presidente, Bolsonaro segurou um tripé de câmera simulando atirar com uma metralhadora e disse “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein?” (Janaina Ribeiro, 2018).

No dia 21 de outubro de 2018, uma semana antes do segundo turno da eleição presidencial, Bolsonaro disse aos seus apoiadores, em uma manifestação no município de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, que “vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos do Brasil”, “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia”, dizendo que ele e os apoiadores que eram “o Brasil de verdade” (Heloísa Mendonça; Naiara Gortázar, 2018).

Em 14 de agosto de 2019, já como presidente da República, na inauguração de uma escola no município de Parnaíba, no Estado do Piauí, Bolsonaro disse que “vamos acabar com o cocô no Brasil, com essa raça de corrupto e comunista”, e “vamos varrer a corrupção e o comunismo do Brasil” (UOL, 2019).

Em 16 de janeiro de 2020, em um evento oficial no Palácio do Planalto, casa do poder executivo federal, Bolsonaro disse “Não dê chance para essa esquerda. Eles não merecem ser tratados como pessoas normais” (Correio Braziliense, 2020). Um mês antes das eleições presidenciais de 2022, nas comemorações da independência do Brasil, no dia 07 de setembro, Bolsonaro se referiu ao PT e a Lula dizendo que “Esse tipo de gente tem que ser extirpada da vida pública” (Caio Sartori; Paula Martini, 2022). Dois dias depois, um bolsonarista assassinou um petista com 15 facadas e tentou decapitá-lo com um machado, após uma discussão política no município de Confresa do Estado do Mato Grosso. Eles eram colegas de trabalho (Jornal Nacional, 2022). No mesmo dia, em um evento de campanha, Bolsonaro se referiu ao PT como “Essa praga



sempre está contra a população” e disse que “varreremos para o lixo da história esse partido”. Ele foi o único candidato à eleição que não lamentou o assassinato do petista. Exatamente dois meses antes, no município de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná, um bolsonarista dirigia seu carro quando viu uma festa de aniversário com a temática de Lula e PT. Ele invadiu a festa, gritou “aqui é Bolsonaro” e assassinou o aniversariante (que era petista) a tiros. Eles não se conheciam (G1, 2022).

As ideologias do petismo e do bolsonarismo, como formas de interpretar o mundo, e as formas de atuar no mundo, não são diametralmente opostas e de alguma forma equivalentes. Os grupos têm diversidade ideológica dentro deles, discordâncias e concordâncias. O bolsonarismo, entretanto e apesar de sua complexidade, ao defender as posições políticas de sua liderança, representa a substituição da política democrática como forma de resolução dos problemas comuns, a política do diálogo e dos acordos, pela política da violência e da eliminação do diferente.

Eu fiquei em um dos lados da polarização. O lado de cá. Como muitas de minhas companheiras e companheiros deste lado, minha trajetória política não foi dentro do PT.

Mas, quando falo nós sobre a política no Brasil de hoje, estou a homogeneizar as diferenças que existem em nosso lado e a nos definir em oposição, ou em não pertencimento, com o lado de lá. Estou a nos chamar petistas, apesar de muitos de nós não sermos petistas e apesar das diferenças entre nós serem tantas que tornam difícil nos definir.

Como mostrou Said (2021)<sup>6</sup>, criamos e dramatizamos diferenças, por vezes completamente imaginárias, entre o que estaria próximo a nós e o que estaria longe, como modo de intensificar o sentido de nossas identidades coletivas. Não importa se essas diferenças são reais ou imaginárias — não existe qualquer preocupação se a representação que fazemos do outro é ou não fidedigna, pois o outro se torna a representação que fazemos dele.

Fanon (2022<sup>7</sup>), ao falar sobre como o branco e o negro entendem não apenas um ao outro pelas construções racistas, mas entendem também a si próprios, mostra que a representação que fazemos do outro também constrói a imagem que o outro tem de si e vice-versa.

Nossa identidade então talvez seja influenciada por como os bolsonaristas nos representam, e a dos bolsonaristas por como nós os representamos, mesmo que essas representações sejam arbitrarias e imaginárias. Poderíamos nos definir, portanto, pela definição que o lado de lá nos dá? petistas<sup>8</sup>, lulistas e comunistas (Gallego, 2018; Solano, 2019; Paula, Feres Junior, Warde Junior e Valim, 2021)?

Nós não somos todos petistas, nem lulistas e nem comunistas, assim como eles talvez não se identifiquem todos como bolsonaristas. Neste processo de construção de nossas identidades pela oposição e pela fixidez com que construímos a identidade oposta, tornamos o outro e nos tornamos mais homogêneos? Por fixarmos o outro na identidade de bolsonarista, uma identidade que não admite mudanças, estamos a fazer com que as pessoas que não são bolsonaristas se tornem bolsonaristas — estamos a fazer com que a direita, os conservadores e liberais, se radicalizem?

Para entender melhor esta polarização, precisamos contextualizar melhor o bolsonarismo. Como movimento político, ele se insere no contexto de reorganização das direitas no Brasil, no que ficou conhecido como as novas direitas.

O bolsonarismo é a principal expressão dessas novas direitas. Ele já era observado por algumas pesquisadoras (Solano, 2019; Pinheiro-Machado and Scalco, 2021) desde o ano de 2016, mas foi em 2018 que ele parece ter crescido (Paula, Feres Junior, Warde Junior e Valim, 2021) e ganhado as dimensões para eleger Jair Messias Bolsonaro presidente do Brasil.

Os trabalhos de Prandi (2019), Rocha e Solano (2020), Boito Jr. (2020; 2021), Paula,

<sup>6</sup> - Publicado pela primeira vez em 1978.

<sup>7</sup> Publicado pela primeira vez em 1952.

<sup>8</sup> Os estudos que citei sobre polarização e as pesquisas de opinião também nos definem como petistas.



Feres Junior, Warde Junior e Valim (2021), e uma pesquisa Datafolha (2023), consideram bolsonarista quem ainda apoia Bolsonaro, concorda com todas suas ideias e posicionamentos e se identifica como bolsonarista. Quantos dos eleitores brasileiros são bolsonaristas é uma questão complexa e extensa que não cabe nesta revisão, variando, a depender da metodologia usada, entre 15% e 30% dos eleitores brasileiros.

Além dessas pessoas, que alguns chamam de “núcleo duro” do bolsonarismo ou “apoiadores fiéis”, as pesquisas de Rocha e Solano (2020) e Paula, Feres Junior, Warde Junior e Valim (2021) identificaram um segundo grupo, que seriam os apoiadores críticos de Bolsonaro, pessoas que não concordavam com tudo que ele dizia e como se posicionava como presidente, mas que ainda o apoiavam.

Neste artigo, quando falo em bolsonaristas estou a falar do “núcleo duro” e dos “apoiadores fiéis”, ou seja, em todos que votaram em Bolsonaro nas últimas eleições, pois é como o lado de cá comumente identifica o lado de lá.

Pesquisas têm apontado a heterogeneidade de perfis e ideias destas pessoas. Uma pesquisa conduzida por Paula, Feres Junior, Warde Junior e Valim (2021) indica possíveis consensos que caracterizam o bolsonarismo: defesa da família “tradicional” brasileira e ataque à “ideologia de gênero”; percepção negativa do Brasil e idealização dos Estados Unidos da América; discurso anticorrupção e apoio à operação Lava-Jato;

simpatia com os militares; e aversão à política e ódio ao PT.

Pinheiro-Machado e Scalco (2021) acompanharam eleitores de Bolsonaro que moravam na favela de Morro da Cruz, em Porto Alegre, e encontraram mais diversidade do que homogeneidade em suas interpretações de mundo: “Seguindo a perspectiva de que pessoas têm pertencimentos políticos multifacetados e divididos, nós encontramos identidades políticas mais ambíguas do que homogêneas” (p. 332)<sup>9</sup>.

Entre os anos de 2017 e 2018, Solano (2019) entrevistou trinta eleitores de Bolsonaro na cidade de São Paulo, com diferentes perfis sociodemográficos. Segundo ela, a maioria dos entrevistados associava Bolsonaro à palavra esperança, todos apoiavam a operação Lava Jato, a “corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema” (Ibidem, p. 314) enquanto Bolsonaro aparece como alguém antissistema capaz de acabar com a corrupção.

Como resposta à corrupção da política e às lutas coletivas, os entrevistados acreditavam no individualismo e na meritocracia. O bolsonarismo aparecia como uma revolta contra os “movimentos identitários” tanto em homens brancos heterossexuais quanto em mulheres e pessoas LGBTQIA+, que negam a luta coletiva para conseguir direitos, reforçando aqui também a crença na luta individual.

O bolsonarismo, portanto, é heterogêneo e complexo, uma reunião de pessoas e grupos diversos, tendo como aparentes consensos o combate às corrupções políticas e ao PT. Agora, falarei sobre como a interpretação da polarização como fronteira pode nos ajudar a fazer pontes de encontro e diálogo entre petistas e bolsonaristas.

### **Desenvolvimento do tema**

Nos estudos da tradução entre línguas, as fronteiras são espaços que separam culturas e línguas. Elas não são, necessariamente, as fronteiras de um Estado-Nação. Pois, dentro das fronteiras dos Estados, existem fronteiras de etnias, grupos, culturas, corpos<sup>10</sup>, fronteiras feitas pelas diásporas e migrações (Ribeiro, 2018), mas fronteiras que também foram criadas pelas próprias construções dos Estados-Nações — construções como tentativas e práticas violentas de delimitar um território e homogeneizar as diferenças dentro dele (Santos, 1997<sup>11</sup>), enquanto tornam diferentes as semelhanças com quem está fora dele.

Entre petistas e bolsonaristas existe uma separação política, ideológica, de sonhos e formas de interpretar o mundo, com identidades coletivas que se constroem também na -<sup>9</sup>

Tradução feita pelo autor.

<sup>10</sup> Para Mbembe (2021), os estrangeiros indesejáveis a um Estado carregam em seus corpos a fronteira que os deve expulsar ou encarcerar naquele Estado, os corpos-fronteira.

<sup>11</sup> Publicado pela primeira vez em 1994.



oposição ao outro, com a construção de ambiguidades radicais na língua, significações que não admitem outras possibilidades de significação, práticas e estéticas próprias e opostas, locais de ocupação do espaço e formas de ocupação do espaço distintas e antagonistas, valorização e reprodução de expressões culturais distintas.

Considerar a separação entre petistas e bolsonaristas como fronteira é construir outra forma de interpretá-la e explorar as possibilidades que isso nos traz. Pois as fronteiras são espaços que separam, mas também podem ser espaços de encontro (Ribeiro, 2018). Os encontros são as traduções. Elas são pontes entre os dois lados da fronteira.

Esta é, evidentemente, a questão central: a ponte tem de ser tomada, não como alguma coisa que permite negligenciar e fazer esquecer o obstáculo transposto, mas sim como algo que torna manifesta a existência e persistência desse obstáculo. É assim que qualquer conceito de tradução tem de ser fundado numa noção de conflito: como as línguas e culturas são, por definição, incomensuráveis, toda a teoria da tradução tem de começar por se confrontar com o problema da intraduzibilidade. Por outras palavras, todo o processo de tradução mais não é do que o esforço para superar este problema, através da procura de uma medida comum que permita compreender e pôr em relação o que é irrevogavelmente diferente (Ibidem, p. 62).

O abismo na tradução são as diferenças que não podem ser diluídas ou assimiladas entre

culturas e línguas, devem ser reconhecidas e respeitadas. Daí também a intraduzibilidade — por serem diferentes e incomensuráveis, nem tudo pode ser traduzido, pois não existe equivalência total e permanente entre os dois lados, algo sempre ficará por dizer.

Qual o abismo que separa petistas e bolsonaristas, quais são nossas diferenças? Nosso abismo é primeiramente ideológico, de formas de interpretar e de se colocar no mundo. As fronteiras fizeram com que daí ficassem marcadas diferenças nas práticas culturais: os estilos de música mais identificados com cada um — o sertanejo é bolsonarista (apesar das exceções), o samba é petista (apesar das exceções); as estéticas; os espaços que eles ocupam e como ocupam. Nossas diferenças não levam à intraduzibilidade na linguagem, mas a ambiguidades que precisam ser explicitadas e traduzidas. São precisas traduções pois, apesar de falarmos a mesma língua, entendemos diferente as palavras que usamos. Família, esperança, medo, comunismo, patriotismo, cidadão de bem, crise, corrupção, política, segurança, ditadura, liberdade, fascismo, política, amor, revolução têm significados diferentes para cada um dos lados, posicionamentos e pausas (Hall, 1990) diferentes. E essas ambiguidades têm dificultado nosso diálogo.

Isso também me faz lembrar de Said (2021), que diz que situamos nossas fronteiras arbitrariamente para delimitar o que é nosso, o que está do lado de cá, sem perguntar aos outros, que estão do lado de lá, se concordam com as fronteiras que colocamos. Assim, muito do que imaginamos estar do lado de cá, como a esperança, o amor e a revolução, parece que eles também imaginam estar do lado de lá.

Para Bauman (2003<sup>12</sup>), as fronteiras são estabelecidas não para preservar as identidades, mas o contrário, é o estabelecimento de fronteiras que leva à construção de identidades. Said (2021) diz algo similar, que fazemos nossas identidades a partir das fronteiras. Para Santos (1997), identidade é um processo de diferenciação.

Então seria o estabelecimento de uma fronteira entre nós e eles que leva à construção de identidades separadas e diferentes, de bolsonaristas e petistas.

Para Hall (1990), identidade são os nomes que damos às maneiras diferentes que somos posicionados e nos posicionamos nas narrativas de nosso passado. Como bolsonaristas e petistas se compreendem como brasileiros? A dicotomia da palavra patriota, nos sentidos distintos que os grupos lhe dão, talvez não reforce apenas como estes grupos têm identidades distintas, compreendendo a si como patriotas e não aos outros

<sup>12</sup> - Primeira edição publicada em 2001.



(lembremos da fala de Bolsonaro de que são eles “o Brasil de verdade”), mas mostre como suas identidades são construídas a partir de um entendimento distinto da história de suas identidades nacionais, de nosso passado como país. Da colonização, da escravização, das ditaduras.

O bolsonarismo e o petismo são identidades coletivas. Eles são formas de pertencimento e de solidariedade, algo que todas nós buscamos, que nos é essencial e que está em crise em um mundo individualista, frágil, de decadência das antigas solidariedades de classe (Hall, 1990; Santos, 1997; Bauman, 2005). Para Bauman (2005), a ameaça e a prática da exclusão revigoram o sentimento de pertencimento. Para Rocha (2018), a força das novas direitas no Brasil não está em fartos recursos materiais, mas na capacidade de construir laços e identidades comuns entre as pessoas.

Mas essas identidades não são finais e totais. É possível construirmos outras identidades, ou desenvolvermos estas para abranger outros pertencimentos e relações, pois identidade é busca, é um processo de construção que nunca se dá por completo (Hall, 1990; Santos, 1997; Bauman, 2003).

Para Hall (1990), a identidade é constituída de pontos de similaridade e de diferença, rupturas e descontinuidades. Identidade é se tornar e ser. Não é uma essência, mas um posicionamento. Quando ele fala das identidades da diáspora negra, levanta a possibilidade de identidades construídas com e pelas diferenças, e não apesar delas.

Seria possível uma identidade comum entre nós e os bolsonaristas, não apesar de nossas diferenças, mas com elas e por elas?

Ao fazermos uma fronteira, construímos identidades que reforçaram e intensificaram as diferenças entre nós e eles. Identidades que se alimentaram da ameaça do lado oposto. O abismo entre petistas e bolsonaristas são as diferenças, reais e imaginárias, que os

separam. Diferenças que já existiam, que se intensificaram e diferenças que foram construídas.

As diferenças entre nós e eles, o abismo, é algo irrevogável? Não está aqui também parte do medo deles — que nós queremos acabar com eles, com suas famílias, com sua religião, com o que identificam como a cultura nacional (Miguel, 2018)? Quando comecei a escrever este artigo, pensei que o ponto de maior divergência entre o diálogo que proponho com os bolsonaristas e o conceito de tradução é que eu quero acabar com o abismo que nos separa. Mas talvez não seja bem assim. Penso que temos que acabar com o abismo, no sentido de algo que nos separa, mas não com as diferenças. Nossas traduções, nossos encontros com os bolsonaristas não são para acabar com as diferenças que existem entre nós, mas para conseguirmos, novamente, conviver com nossas diferenças. Para Ribeiro (2018), a tradução é uma tentativa de tornar o outro inteligível e de criar espaços de relação, mas não é assimilação.

É difícil acreditar que conseguiremos transformar bolsonaristas em comunistas. Mas talvez a gente consiga (re)construir uma identidade comum, que não apague nossas diferenças mas que, ao reconstruir nossos laços e reestabelecer diálogos, e ao reconhecer nossas diferenças e respeitá-las, enfraqueça o bolsonarismo como bolsonarismo, como extrema-direita, como movimento antidemocrático que se alimenta do ódio e da intolerância ao que é diferente.

Mas a vontade de tradução tem que estar em nós e neles. Aqui encontramos o limite e outra diferença do uso da tradução para nós. Pois aqui estamos a falar sobre uma fronteira que separou ideologias, movimentos políticos. O respeito às diferenças não implica no fim da política como diálogo: não é por respeitar que o outro é conservador que não vou dialogar com ele e tentar convencê-lo a ser progressista. As lutas pela hegemonia pressupõe que queremos trazer todos que estão do lado de lá para o lado de cá, para conquistarmos hegemonia (Gramsci, 1999; Gruppi, 1978<sup>13</sup>).

E aqui também somos firmes: respeitamos a diferença da direita e do conservadorismo, mas não a do racismo, do machismo, da LGBTQIA+fobia, do elitismo, do fascismo. Não

<sup>13</sup> Palestras ministradas por ele no Instituto Gramsci em 1970.



respeitamos a intolerância. Neste sentido, o diálogo com o “núcleo duro” do bolsonarismo é mais difícil (se é que possível) que o diálogo com os “apoiadores críticos”. Então qual será nossa identidade comum, que permitirá nossa reintegração e diálogo? A construção das identidades pela diferenciação e identificação de inimigos não é inevitável (Ribeiro, 2018). Mas, se considerarmos que a força da identidade da classe trabalhadora, por exemplo, estava e está na identificação de todos os trabalhadores como iguais e do burguês como inimigo comum (Haiven, 2023), e na esteira do que alertou Santos (1997), em um contexto ligeiramente distinto, sobre a importância de identificarmos inimigos em comum para identidades plurais:

A multiplicação e sobreposição dos vínculos de identificação – a que hoje assistimos – particulariza as relações e, com isso, faz proliferar os inimigos e, de algum modo, trivializa-los, por mais cruel que seja a opressão por eles exercida. Quanto mais incomunicáveis forem as identidades, mais difícil será concentrar as resistências emancipatórias em projectos coerentes e globais (p. 147).

Talvez uma forma de identificação comum entre nós e os bolsonaristas, de construção de uma identidade comum, seja identificarmos quem são os verdadeiros inimigos. Um processo certamente difícil e tortuoso, pois eles nos identificam como os inimigos por muitos aspectos — os corruptos, comunistas, que querem acabar com a família — e nós identificamos eles como inimigos por muitos aspectos — os racistas, misóginos, homofóbicos, elitistas, fascistas.

E, mais difícil ainda, pois eles se identificam, atualmente, com alguns de nossos inimigos reais, os fascistas e os burgueses. Pois alguns dos que estão em suas fileiras são nossos inimigos reais. Pois Bolsonaro, com seus discursos de ódio e sua vontade de eliminar violentamente os diferentes, as diversidades, é nosso inimigo real.

Essa identidade comum tem que ser construída. E não conseguiremos construí-la

reproduzindo as relações que Paulo Freire chamou de extensionistas (1983<sup>14</sup>), uma prática comum na esquerda — como o estudo de Gloria Filho (2022) mostrou — e na academia:

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que, em seu “campo associativo”, o termo extensão se encontra em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação*, etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações (p. 22).

Esse tipo de relação, ao considerar que a ignorância está sempre no outro e transformar o outro em coisa, alguém que deve apenas ouvir e aprender, é uma relação colonial. Os encontros que precisamos estabelecer com os bolsonaristas para construirmos uma identidade comum não são encontros coloniais, em que um leva a luz do conhecimento ao outro, ignorante. São encontros e diálogos entre iguais, diálogo no sentido freiriano, onde não existem sujeitos passivos. Os sujeitos dialogam sobre um objeto problematizado para entendê-lo melhor. É um “aprofundamento da tomada de consciência, que precisa desdobrar-se na ação transformadora da realidade” (Ibidem, p. 34). É um diálogo feito não apesar das diferenças, mas com elas e por elas (como a identidade diaspórica de Hall) — pois são as diferenças que fazem o diálogo avançar, que

<sup>14</sup> Publicado pela primeira vez em 1969.



fazem a dialética.

Um diálogo crítico que tem a potência de nos encontrarmos como humanidade, de nos emanciparmos, nos libertarmos de uma realidade que parece nos prender e nos descobrirmos em um contexto histórico e em uma estrutura (Freire, 1983), perceber que somos todos, ou quase todos, oprimidos de alguma forma. Que somos, todas, pessoas que não têm futuro no crime climático que nossos inimigos estão cometendo.

Ao construirmos uma identidade comum, acabaremos com a fronteira que nos separa. Nossa tradução, nossos encontros e diálogos, respeitam as diferenças que são respeitadas, mas objetivam o fim da fronteira.

### **Considerações finais**

Fizemos uma fronteira entre nós e eles. Essa fronteira não foi algo simples, que apenas surgiu. Foi um rasgo, que separou amigos, famílias e grupos.

A situação política atual mostra que afastarmos os bolsonaristas, chamá-los de fascistas e idiotas não deu certo. Ao contrário da teoria e prática da tradução, nós precisamos superar essa fronteira. E superá-la é, também, enfrentar as heranças do colonialismo em nós.

Pois, ao negar a racionalidade aos outros, aos que julgamos ignorantes e movidos apenas por sentimentos, deixamos de entender suas formas de compreender o mundo, e assim construir pontes de tradução e diálogo que nos levem à superação das crises e dos crimes que vivemos.

O bolsonarismo não é fruto da ignorância e da irracionalidade do povo, é uma forma de interpretação do mundo e de enfrentamento a ele. Aceitar isso não é relativizar seus absurdos, mas compreender os bolsonaristas como pessoas inteligentes e capazes de mudar, como qualquer pessoa. E pessoas com quem temos que dialogar para construirmos, juntos, uma democracia de maior intensidade, com justiça social e convivência entre as diversidades de vida e modos de viver.

### **Referências**

ALKMIN, A. C.; TERRON, S. L.. O Brasil é realmente um país polarizado? Análise das eleições presidenciais de 1989 a 2018. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 7–32, set. 2022.

ASSUNÇÃO, Clara (Brasil). **'Violência na política tem lado e ele está com Bolsonaro', diz jurista. Histórico mostra participação.** 2022. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/polarizacao-violencia-politica-bolsonaro-confira-historico/>>. Acesso em: 02 jan 2024.

AZEVEDO, F. . A GRANDE MÍDIA E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022. **Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 30, n. 3, p. 94–98, 2022.

BÄCHTOLD, Felipe (Brasil). **Datafolha: PT tem mais simpatizantes, mas também é o partido mais rejeitado.** 2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-pt-tem-mais-simpatizantes-mas-tambem-e-o-partido-mais-rejeitado.shtml>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BARBON, Júlia (Brasil). **Datafolha: Petistas recuam, bolsonaristas avançam, e grupos empatam pela 1ª vez.** 2025. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2025/06/datafolha-petistas-recuam-bolsonaristas-avancam-e-grupos-empatam-pela-primeira-vez.shtml>>.

Acesso em: 26 jun. 2025

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BELLO, A.. Polarização política e voto: o papel das questões morais e econômicas.

**Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 40, p. e260006, 2023a.

BELLO, A.. Polarização política dinâmica: evidências do Brasil. **Opinião Pública**, v. 29, n. 1, p. 42–68, jan. 2023b.

CAIO SARTORI; PAULA MARTINI (Brasil). **Bolsonaro fala em “extirpar” esquerda e colocar outros Poderes “dentro das 4 linhas da Constituição”.** 2022. Disponível em:



<<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/09/07/bolsonaro-fala-em-extirpar-esquerda-e-colocar-outros-poderes-dentro-das-4-linhas-da-constituicao.ghtml>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CARRICONDE, Gabriel (Brasil). **Após derrota de Bolsonaro, casos de violência política aumentam no Paraná.** 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/10/apos-derrota-de-bolsonaro-casos-de-violencia-politica-aumentam-no-parana>. Acesso em: 02 jan. 2024.

CARTA CAPITAL (Brasil) (ed.). **Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório.** 2017. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CARTA CAPITAL (Brasil) (ed.). **Datafolha: Preferência pelo PT chega a 28%, melhor resultado em 8 anos; 2º colocado tem 2%.** 2021. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/datafolha-preferencia-pelo-pt-chega-a-28-melhor-resultado-em-8-anos-2o-colocado-tem-2/>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

CASALECCHI, Gabriel Avila; VIEIRA, Aiane de Oliveira; PEREIRA, Bruna Ferrari. Entre o petismo e o antipetismo: uma análise da polarização política no Brasil e suas implicações para a democracia. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 43., 2019, Caxambu, MG. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2019. p. 1-23.

CNN (Brasil) (ed.). **Polarização política: 41% dos brasileiros mudariam de país se pudessem, diz Quaest.** 2023. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/polarizacao-politica-41-dos-brasileiros-mudariam-de-pais-se-pudessem-diz-quaest/>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE (Brasil) (ed.). **Bolsonaro sobre a esquerda: 'Não merecem ser tratados como pessoas normais'.** 2020. Disponível em:

<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/16/interna\\_politica,820909/bolsonaro-sobre-a-esquerda-nao-merecem-ser-tratados-como-pessoas-nor.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/16/interna_politica,820909/bolsonaro-sobre-a-esquerda-nao-merecem-ser-tratados-como-pessoas-nor.shtml)>.

Acesso em: 07 fev. 2024.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisas (Brasil). **Identificação política e avaliação do voto.**

Pesquisa Nacional, dezembro de 2023a. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2023/12/20/ngddsuzgayofwhutaxzvj3iyd2va9vfbk0kt3y9unsaglycrdyb.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2023. DATAFOLHA, Instituto de Pesquisas (Brasil). **Grupos identificados com bolsonarismo e petismo seguem sem mudança desde dezembro de 2022**. 2023b. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opinio-e-sociedade/2023/12/grupos-identificados-com-bolsonarismo-e-petismo-seguem-sem-mudanca-desde-dezembro-de-2022.shtml>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: FANON, Frantz. **Pele Negra, mascarar brancas**. Tradução: Alexandre Pomar. Lisboa: Letra Livre, 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUKS, M.; MARQUES, P. H.. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 560–593, set. 2022.

GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.



GLORIA FILHO, Mario. **Polarização política afetiva, empatia, desumanização explícita e ideologia política**. 2022. 64 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia; A filosofia de Benedetto Croce**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. G1 (Brasil) (ed.). **Bolsonaro fala em 'varrer' o PT 'para o lixo' em dia marcado por assassinato de petista e pedidos de pacificação**. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/eleicoes/2022/noticia/2022/09/09/bolsonaro-fala-em-varrer-o-pt-para-o-lixo-em-dia-marcado-por-assassinato-de-petista-e-pedidos-de-pacificacao.ghtml>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

HAIVEN, Max. **Climate Workers of the World, Unite!? Searching for Affective Connections, Common Enemies, and Shared Narratives**. Berliner Gazette, 2023.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan (org.). **Identity: Community, Culture, Difference**. Londres: Lawrence & Wishart, 1990. HELOÍSA MENDONÇA; NAIARA GORTÁZAR, Galarraga (Brasil). **Bolsonaro a milhares em euforia: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos”**. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319\\_752998.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html)>. Acesso em: 07 fev. 2024.

IGOR GIELOW (Brasil). **Datafolha: 32% se veem como petistas, e 25%, como bolsonaristas**. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/datafolha-32-se-veem-como-petistas-e-25-como-bolsonaristas.shtml>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

JANAÍNA RIBEIRO (Brasil). **Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre**. 2018. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em: 07 fev. 2024. JORNAL NACIONAL (Brasil). **Bolsonarista é preso após matar apoiador do PT a facadas em**

MT. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/09/09/bolsonarista-e-presos-apos-matar-apoiador-do-pt-a-facadas-em-mt.ghtml>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MARICATO, Ermínia ... [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M.; ZEINE, L.. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, v. 28, n. 1, p. 62–91, jan. 2022.



PAULA, Carolina de; FERES JUNIOR, João; WARDE JUNIOR, Walfrido Jorge; VALIM, Rafael. **Bolsonarismo no Brasil: pesquisa qualitativa nacional, junho de 2021**. Rio de Janeiro: Iree e Lemep, 2021. Disponível em: <<https://iree.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Pesquisa-Bolsonarismo-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, ano 20, n. 42, p. 377-391. Porto Alegre, jul./dez. 2014.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. (2021), Humanising fascists? Nuance as an anthropological responsibility. **Social Anthropology**, v. 29, p. 329-336, 10 de maio de 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1469-8676.13048>>. Acesso em 28 de julho de 2023.

PÚBLICA, Agência (Brasil) (republicado). **As marcas da violência que atravessou a eleição de 2022**. 2022. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2022/11/04/As-marcas-da-viol%C3%Aancia-que-atravessou-a-elei%C3%A7%C3%A3o-de-2022>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

REDAÇÃO RBA (Brasil) (ed.). **<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/sob-bolsonaro-violencia-politica-e-eleitoral-aumenta-400-no-brasil/>**. 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/sob-bolsonaro-violencia-politica-e-eleitoral-aumenta-400-no-brasil/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

RIBEIRO, António Sousa. Traduzir e ser traduzido. Notas sobre discurso e migrações. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº especial, p. 55-70, 2018.

ROCHA, Camila. O *boom* das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SAID, Edward. O âmbito do conhecimento. In: SAID, Edward. **Orientalismo**. Tradução: Pedro Serra. Lisboa: Edições 70, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SORRENTINO, Fábio Portugal. Significados da prisão de Lula. In: Antônio Almeida; Adalmir Leonídio; Paulo Moruzzi; Marcos Sorrentino. (Org.). **Desordem e retrocesso: guerras**

**híbridas, democracia & ambiente.** São Paulo: Hucitec, 2022.

UOL (Brasil) (ed.). **Bolsonaro promete "varrer esta turma vermelha do Brasil" em evento no Piauí.** 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/14/bolsonaro-promete-varrer-esta-turma-vermelha-do-brasil-em-evento-no-piaui.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2024.